

VISÃO SOCIAL E HUMANA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: COMPREENDER O PASSADO PARA CONSTRUIR O FUTURO

*Social and human vision of information
science: understanding the past
to build the future*

MARIA BEATRIZ MOSCOSO MARQUES

beatrizmarquesfluc@gmail.com

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

LILIANA ISABEL ESTEVES GOMES

liliana.gomes@fl.uc.pt

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0088-0429>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3786-2942>

DOI

https://doi.org/10.14195/0870-4112_3-6_6

Texto recebido em / Text submitted on: 30/11/2019

Texto aprovado em / Text approved on: 23/04/2020

Biblos. Número 6, 2020 • 3.^a Série

pp. 119-145

RESUMO.

A Ciência da Informação (CI), inscrita na vasta área das ciências sociais e humanas, evidencia uma clara dimensão transdisciplinar e, em simultâneo, relações interdisciplinares com outras áreas do conhecimento. Neste artigo, pretende-se analisar a evolução das disciplinas Arquivística (AA), Biblioteconomia (BA), Museologia (MA) e Documentação (DA), e dos respetivos serviços, bem como explicitar a sua convergência para a CI. Para dar cumprimento a tal propósito optou-se por uma abordagem qualitativa de natureza exploratória, traduzida na revisão da literatura. Reconhece-se que persiste o arquétipo da tradicional compartimentação documentalista da informação (IF) pelo espaço institucional e/ou tecnológico onde se conserva. Contudo, é crescente a colaboração e convergência entre Bibliotecas (B), Arquivos (A) e Museus (M), em particular no ambiente digital. Conclui-se que, ao deslocar-se o enfoque do objeto de estudo do documento e/ou da IF para o Ser Humano que a produz e consome, estamos a contribuir para a afirmação de uma CI Social e Humana (CISH).

Palavras-chave: Epistemologia da Ciência da Informação; Arquivística; Biblioteconomia; Museologia; Documentação.

ABSTRACT.

Inscribed in the vast area of social and human sciences, Information Science (IS) shows a clear trans-disciplinary dimension and at the same time interdisciplinary links with other areas of knowledge. In this article, we intend to analyse the evolution of the Archival science, Library science, Museology, and Documentation disciplines and respective services, as well as to explain their convergence to the IS. To fulfil this purpose, we chose a qualitative exploratory approach expressed in the literature review. We acknowledge the persistence of the archetype of the traditional documentary compartmentalization of information throughout the institutional and/or technological space where it is kept. However, collaboration and convergence between libraries (L), archives (A), and museums (M) is increasing, particularly in the digital environment. The conclusion is that we can contribute to the assertion of a social and human IS (ISSH) by shifting the focus from the object of study of the document and/or information to the Human Being that produces and consumes it.

Keywords: Epistemology of information science; Archival science; Library science; Museology; Documentation.

INTRODUÇÃO

O termo Arquétipo, adj. do grego *archetyton* e do latim *archetyptu*, utiliza-se para designar *o que serve de primeiro modelo; o tipo primordial, segundo o qual todas as coisas foram criadas; exemplar, padrão* (Machado, 1997: 372). Ora, de acordo com este conceito, não é possível refletir sobre a epistemologia da CI sem recuar ao mundo greco-latino e ao aparecimento e desenvolvimento das instituições modelares que estão na génese das suas disciplinas subsidiárias, os primeiros ABM.

O denominador comum entre os primeiros ABM era o de serem instituições culturais, que tinham como objetivo principal a conservação da memória da humanidade, e daí o seu caráter utilitário de *servir a ciência*. Ora, como facilmente se compreende, o objeto de estudo da AA, BA, MA e da DA, está intrinsecamente associado à história da humanidade e à satisfação das diversas necessidades do ser humano no domínio da IF. Daí decorre que durante os vários séculos que medeiam entre o aparecimento das instituições de recolha, conservação e serviço da IF e o modelo social e humano de CI que pretendemos consolidar, tivessem ocorrido desenvolvimentos substanciais ao nível social e, concomitantemente, ao nível da satisfação das necessidades de IF produzida e consumida por uma sociedade ávida de conhecimento. É neste contexto que surgem, em finais do século XIX e inícios do século XX, os princípios básicos das três *ciências*/disciplinas, de natureza instrumental e operatória, que estão na génese da CISH e que permitem a sua autonomia em relação à História, da qual eram, até então, entendidas como *ciências*/disciplinas auxiliares. Todavia, estes princípios estavam diretamente vocacionados para uma práxis que se pretendia afirmar e que estava associada a um *saber fazer* assente em técnicas pouco consolidadas.

Os anos 50 do século passado anunciaram a designada *Revolução Tecnológica*, originada pelo aparecimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), e conduziram a uma mudança social muito acentuada, com contornos semelhantes aos da Revolução Industrial que a precedeu. Os seus alicerces estavam suportados na ideia do ser, em detrimento do ter, do conhecer e explicar em contraposição com o fazer. Todavia, e contrariamente ao que era suposto, o desenvolvimento de sistemas tecnológicos de informação e de comunicação (STIC) apenas conduziu à agilização no domínio do acesso à IF, mas ainda não permitiu

a satisfação das necessidades dos cidadãos e a sua participação, ativa e consciente, na tomada de decisões sobre o seu futuro e o da humanidade. Por conseguinte, podemos inferir que, em termos de efetivação de direitos e de deveres dos cidadãos e também no que diz respeito à garantia da preservação da memória da humanidade, as TIC *pouco acrescentaram* aos arquétipos que estiveram na génese da criação dos ABM e, posteriormente, dos Centros de Documentação (CD).

Neste pressuposto, podemos afirmar que foi na tentativa de mudar o paradigma historicista, técnico e custodial da AA, da BA, da MA e ainda que de uma forma muito menos significativa, da DA, centradas no documento, enquanto testemunho da atividade humana e no saber fazer em detrimento do conhecer, que se passou a valorizar o conteúdo, independentemente do seu conteúdo, levando ao aparecimento de uma CI de base tecnológica e de natureza inter e transdisciplinar.

Chegados à segunda década do novo século, afigura-se-nos cada vez mais pertinente a interrogação de Michael Buckland (2012) *What kind of science can Information Science be?* Será que temos uma CI para o mundo anglosaxónico e outra(s) para os restantes países, com níveis de desenvolvimento opostos ou assimétricos, designadamente os mais carenciados em termos económicos e consequentemente tecnológicos? Será que a CI de base tecnológica é capaz de satisfazer as necessidades de IF dos cidadãos do novo milénio em contextos sociais e culturais distintos? Será que os arquétipos do século passado, vinculados a um carácter eminentemente técnico/profissional, continuam a ser desenvolvidos e perpetuados em muitos países como reação a uma ausência de fundamentação teórica sólida da CI, que lhe configure um cariz universal? Será que a tendência de vários países ibero-americanos para alterar a designação e/ou o *corpus* epistemológico da CI para CI Documental permite um maior diálogo sobre a sua natureza ou objeto de estudo? Será que o arquétipo oriundo do mundo anglosaxónico permite uma *dinâmica integradora e aberta à transformação* e/ou consolidação da CISH?

Estas são algumas perguntas que impõe uma reflexão profunda, pois não se deve importar, quiçá ingenuamente, ou talvez não... modelos construídos para resolver problemas concretos, de realidades específicas, sem questionar a sua viabilidade e utilidade em contextos distintos, nem tão pouco pretender pensar localmente e agir globalmente.

1. ARQUIVÍSTICA, BIBLIOTECONOMIA E MUSEOLOGIA: ANÁLISE DIACRÔNICA DOS ARQUÉTIPOS GRECO-LATINOS AO LIMIAR DO SÉCULO XX

Tal como referimos anteriormente, o surgimento das disciplinas — AA, BA, MA e DA — é muito posterior ao objeto de estudo que esteve na sua génese. A análise da evolução etimológica dos termos ABM permite-nos inferir sobre a existência de muitos elementos de afinidade:

- Arquivo deriva do grego ἀρχεῖον (*arkheion*) — “centro de poder ou governo” — e através do latim *archivum* passa a significar um “conjunto documental, depósito de documentos”;
- Biblioteca, do grego βιβλιοθήκη, composto por βιβλίον (*biblion*) — «livro», e θήκη (*theca*) — «caixa», teve como significado inicial “caixa de livros”; através do latim *bibliotheca* passa a designar a “coleção de livros, edifício ou sala para alojar a coleção de livros”;
- Museu também deriva do grego μουσεῖον (*mouseion*), “templo das musas”, e do latim *museum* e referia-se “às musas, estabelecimento onde estão guardadas coleções de várias artes e ciências de que as musas eram orago”; a palavra museu, com o sentido que tem hoje, data apenas de 1813 (Gomes, 2016: 93). Hernández Hernández considera que o termo *mouseion* surgiu no século III a. C., para caracterizar o centro de irradiação cultural em Alexandria (2006: 22).

Assim, e apesar da função custodial estar sempre presente e associada ao objeto custodiado, o documento, e à organização que o custodia, podemos concluir sobre a existência de um denominador comum subjacente ao surgimento destas três organizações milenares, a satisfação das necessidades de IF sentidas pela humanidade ao longo dos tempos, quer como garantia de direitos, quer como espaço privilegiado da *esfera pública* onde se reuniam pessoas com interesses diversos, sobretudo eruditos. Os A e as B têm o seu marco existencial imbricado no aparecimento da escrita, na Mesopotâmia e no Egito (Marques, 2012: 29-37), onde “the earliest physical evidence of repositories of clay tablets in the Near East

suggests that documents were created, collected, and stored to serve pragmatic purposes” (Hedstrom; King, 2004: 12).

Entre os séculos VII e VIII a. C. surgem as grandes B da Antiguidade, entre as quais a de Alexandria, a qual foi constituída a partir de um decreto de Ptolomeu III, que para além de denotar a sua grande preocupação com a conservação da memória coletiva, constitui o gérmen do que muito mais tarde se viria a designar por Depósito Legal. Tendo como sustentáculo a sua herança helénica, as B atingiram um elevado grau de desenvolvimento no mundo romano, onde se estabeleceram redes públicas de A e de M. Ao longo da Idade Média (IM), as B eruditas, nascidas no mundo greco-romano, florescem associadas às Ordens Religiosas e a partir do século XVII proliferam por toda a Europa e EUA, deslocando paulatinamente o foco das suas funções tradicionais e aproximando-se cada vez mais das necessidades das pessoas. No que respeita aos M, o seu aparecimento reporta-se ao hábito de colecionar das grandes civilizações da Antiguidade Clássica (AC). Contudo, e apesar das características que estiveram na base do aparecimento de cada organização, durante a AC e ao longo da IM assistimos a uma ausência de distinção. Os “museus, arquivos e bibliotecas constituíam praticamente a mesma entidade, pois organizavam e armazenavam todos os tipos de documentos” (Ortega, 2004: 3).

Só a partir do final da IM e inícios da Idade Moderna é que começam a aparecer organizações com autonomia e individualidade própria, ainda que obedecessem ambas à tríade Espaço, Documentos e IF. Assim, podemos afirmar que do ponto de vista histórico e cultural, a evolução e a consolidação da BA, da AA e da MA resultou do aparecimento de algumas publicações que surgem em finais do século XVII e inícios do século XVIII e que marcaram o seu percurso disciplinar: *Advis pour dresser une bibliothèque*, de Gabriel Naudé (1627), *De re diplomática*, de Jean Mabillon (1681), e *Museographia*, de Gaspar Friedrich Neickel (1727), circunscrevendo-as na órbita da História erudito-metódica e positivista e tendo as práticas de custódia e de organização sempre precedido a sua compreensão teórica (Silva; et al., 1999).

A obra *Advis pour dresser une bibliothèque* assume-se como o primeiro Manual dedicado à Criação e Organização das coleções das B. Para Naudé (1600-1653), a ordem bibliográfica era crucial para a partilha do saber conservado, prin-

cipio que continua cada vez mais atual face à explosão informacional resultante da *Revolução Tecnológica*. Também se deve a Naudé o conceito de B como espaços Públicos e Universais, o qual suportou muito do ideário dos revolucionários franceses. Para além desta obra de referência pioneira no domínio da BA, não podemos deixar de referir os contributos de Gessner (1516-1565), Bacon (1561-1626), Brunet (1780-1867), Panizzi (1797-1879), Cutter (1837-1903), Dewey (1851-1931), Ranganathan (1892-1972), entre outros, que contribuíram para a busca de novos métodos e técnicas de organização das coleções bibliográficas.

Neste contexto, e tal como acontece atualmente em relação à ausência de consenso sobre a visão da CI, começam a desenvolver-se duas linhas de orientação, a designada como *científica* ou *técnica* e a *humanista*, as quais estão diretamente associadas às necessidades sentidas pelas B especializadas e as oriundas das B de leitura pública.

A preocupação da primeira era o desenvolvimento de métodos de organização e recuperação da IF. Para cumprir esse desiderato foi criada a primeira associação profissional, a *American Library Association* (ALA), e a primeira escola de ensino superior, fundada em 1887 na Universidade de Columbia.

Assim, durante os finais do século XIX e até ao limiar do século XX, começam a surgir normas, tais como as regras de catalogação (as de Panizzi, de 1841, e as de Jewett, de 1852) e sistemas de classificação bibliográfica mais ou menos hierárquicos e estáticos ou *flexíveis e dinâmicos* (como o de Dewey, de 1878, e o de Ranganathan, de 1933), de *caráter universal*. De acordo com esta visão, a BA “estuda os princípios racionais para realizar, com maior eficácia e menor esforço, os fins da biblioteca” (Buonocore, 1952: 37).

A BA de orientação humanista, ainda que com uma forte vertente tecnicista, era liderada pela Universidade de Chicago (Butler, Shera, Nitecki e Egan), onde se criou, na década de 1930, o primeiro doutoramento na área. Esta formação colocava a tónica na visão social da B (Marques, 2012: 38-43) e na sua integração na comunidade como “instrumento para vencer o analfabetismo, desviar mentes jovens do vício e do crime, acelerar o progresso industrial” (Litton, 1975: XIII).

É nesta altura que surgem os primeiros estudos de utilizadores de B, centrados na “criação de hábitos de leitura e potencial socializador da biblioteca” (Leitão, 2005: 21). Data também desta altura o célebre discurso de Ortega y Gasset sobre

a *Missão do Bibliotecário* na Conferência de abertura do II Congresso Mundial de Bibliotecas e Bibliografia, promovido pela *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) em maio de 1935. Referindo-se ao aumento substancial da publicação de livros, o conferencista considerava que isso tinha efeitos nocivos para o ser humano pois havia “livros demais e era preciso regular a produção de livros, de forma a evitar que se publicassem os ‘desnecessários’ e que não faltassem os ‘necessários’” (Ortega y Gasset, 1935).

O Tratado de Mabillon, publicado em Paris e intitulado *De re diplomatica libri VI*, marca o desenvolvimento dos conceitos, princípios e métodos para a organização dos documentos de A e o estabelecimento das relações dos A com o método diplomático. Este monge beneditino aprofundou o estudo dos diferentes tipos de escrita e das diversas tipologias documentais para conseguir controlar as inúmeras falsificações de documentos que, e contrariamente ao que possa parecer, não são um fenómeno da Sociedade da Informação (SI) pois proliferaram durante toda a IM. A Diplomática surge associada ao direito patrimonial, como um estudo sistemático dos documentos de A, nomeadamente como uma forma de demonstrar a autenticidade dos documentos que garantiam a propriedade das terras pela Igreja.

A época Contemporânea, sobretudo após a Revolução Francesa, marca uma viragem substancial no conceito de A e na natureza da sua IF, a qual está associada ao surgimento dos *Archives Nationales* em França (Lei de 7 Messidor), onde o A central do Estado passa a ser entendido como o A da Nação e à liberalização do seu acesso a todos os cidadãos. Em 1821 é criada a *École Nationale des Chartres* e em 1882 a *École du Louvre*. Assim, o Modelo Francês, de natureza historicista, positivista e associado à necessidade de afirmação profissional, começa a impor-se no domínio da formação de arquivistas, nomeadamente em Itália e em Espanha. Este modelo parece-nos estar na origem desta ligação umbilical entre desenvolvimento disciplinar e necessidades profissionais, ao que também não é estranha a promulgação do *Princípio da Proveniência* ou *Respeito pelos Fundos*, de Natalis de Wailly, em 1841, e a publicação do primeiro manual arquivístico em 1898, intitulado *Handeigling voor het ordenen en beschrijven van Archieven*, conhecido vulgarmente como Manual dos Arquivistas Holandeses. Estes dois fatores podem ser considerados como a chave para a mudança de conteúdo nas obras da Diplomática Moderna. Convém também realçar que esta visão utilitária e instrumental

da AA lhe confere o estatuto de *ciência auxiliar da História* e atribui aos A o papel de *laboratórios da História*.

Ora, tal como já referimos em relação à BA, também é visível uma diversidade de orientações da AA pois, e como seria de esperar, surge uma reação do outro lado do Atlântico, onde não havia cabimento para esta perspectiva historicista.

Em meados do século xx, nos EUA, surgiu outra visão da AA, conhecida como *Gestão de Documentos*, voltada para o tratamento dos A administrativos (Lopes, 2000: 113). O marco teórico referencial dessa corrente norte-americana é a obra de Theodore Schellenberg, *Modern Archives: Principles and Techniques*, de 1956, que coloca o acento tónico no valor primário dos documentos. Todavia, quer o modelo historicista, quer o modelo administrativo tinham objetivos comuns, pois viravam-se essencialmente para aspetos pragmáticos, ligados à eficácia (da pesquisa histórica, num caso e do funcionamento da máquina burocrática, no outro), e, nesse momento, a questão científica “não era prioritária” (Fonseca, 2005: 55). A criação do *International Council on Archives* (ICA), ratificada em 1950, também foi um marco importante para a afirmação da identidade da disciplina, todavia a sua ação pouco alterou a tradição da ligação técnica e profissional.

A obra de Neickel, *Museographia*, é considerada como o primeiro Manual de História da MA e assume-se como um marco referencial para a organização (inventariação), disposição (montagem) e conservação das coleções de museus, sobretudo os dedicados à História Natural. Mas o período pós-revolucionário também vai conduzir ao aparecimento de um movimento similar no domínio dos museus públicos, constituídos pelas grandes coleções das monarquias, sendo o marco desse movimento a criação, em 1793, do Museu do Louvre, que se torna referência obrigatória para a criação dos museus nacionais europeus (Hernández Hernández, 1998: 26).

Também no domínio da MA, e de acordo com Gómez Martínez (2006), verifica-se uma dualidade de perspetivas. Paralelamente ao desenvolvimento da que podemos designar por MA tradicional, onde predominava, na linha de orientação de Neickel, a ligação aos Museus de História Natural e de História da Arte e a aposta no desenvolvimento da componente técnica do sistema, e a *Nova Museologia* (UNESCO, Chile, 1972), onde se começa a lançar o gérmen da componente social do museu, designadamente através da institucionalização do conceito de

Ecomuseus (Fernandéz, 1993: 24), e a questionar a utilidade e atualidade das técnicas museológicas.

No âmbito destes pressupostos, e em termos globais, podemos assinalar o período pós-revolucionário, como o marco referencial para a afirmação e consolidação institucional dos ABM, pese embora o seu arquétipo pré-científico de natureza positivista, patrimonial e diretamente associado à satisfação das necessidades das elites e, em particular, dos historiadores.

2. ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E MUSEUS: VELHOS E NOVOS ARQUÉTIPOS

De acordo com o enunciado anteriormente, podemos afirmar que, e independentemente das visões e das tendências nacionais e internacionais no domínio da criação e afirmação da CI, estas organizações culturais encontram-se unidas por três conceitos comuns, a cultura, o património e a memória. Todavia, têm identidades próprias mas complementares, que as tornam únicas no domínio da recolha/produção, conservação e difusão da IF.

A natureza e a proveniência da IF existente nos ABM tem origens e características distintas. No caso dos documentos de A eles derivam de atos espontâneos, pelo que o seu valor é de natureza probatória ou testemunhal. Nos dois últimos casos, ela é fruto do ato voluntário de constituir coleções. Os M podem ser considerados como *organizações híbridas*, situando-se num ponto intermédio entre as B e os A, pois a maioria das suas coleções são constituídas voluntariamente por objetos únicos e/ou originais que testemunham, de acordo com as suas tipologias e âmbitos temáticos, a atividade das comunidades humanas. No que concerne à funcionalidade (uso externo), as B e os M são sistemas predominantemente abertos, ainda que as primeiras privilegiem o uso e os segundos a contemplação através das exposições, não permitindo, regra geral, mais nenhuma experiência sensorial, para além da visual. Por seu lado, os A são sistemas semifechados de IF social, produzida “no quadro de uma máxima organicidade”, que “pressupõem também funcionalidade (uso interno e, posteriormente, externo)” (Silva; et al., 1999: 38).

Considerando a IF como o objeto de estudo, identifica-se uma diferença substancial entre a dupla BA/AA e a MA:

A informação é [...] instrumental no trabalho museológico, ao contrário do que se passa com a Biblioteconomia e a Arquivística, as quais fundam a sua razão de ser na simples existência de informação social materializada em suportes físicos e implicada numa dinâmica [...] eminentemente social, de comunicação. (Silva; et al., 1999: 37)

Para responder às necessidades da sociedade, e apesar da sua origem una, configurou-se uma separação das áreas disciplinares e locais de trabalho, tendo sido a tradição e a prática a delimitar as categorias profissionais, o que enfatiza e alimenta as diferenças, ignorando-se, conseqüentemente, as suas semelhanças:

Bibliotecas y museos tuvieron en muchos casos un origen común. No sólo es el ejemplo de la Biblioteca de Alejandría: el British Museum estaba formado por una gran colección de antigüedades y una biblioteca de carácter general, y así se mantuvo, desde su fundación en 1753 hasta 1972, cuando se separó la biblioteca mediante la promulgación de la British Library Act. Todavía hoy el Victoria and Albert Museum y la Art National Library son dos instituciones en una sola y ésta actúa como biblioteca de aquella. (López de Prado, 2003: 10)

Contudo, a tipologia do *continente* ou suporte físico foi utilizada, durante muito tempo, como o elemento diferenciador dos vários SIN (quer ao nível da organização interna quer ao nível da classificação institucional). Embora empiricamente seja usual confundir-se Arquivo/instituição com Arquivo/fundo, Biblioteca/instituição com colecção de documentos, Museu/instituição-espaco físico com objectos bi/tridimensionais e (...) Centro de Documentação (...), como um tipo de Biblioteca (Silva, 2002: 575), do ponto de vista científico, a recorrente confusão entre o *conteúdo* e o *continente* é discutível. A IFLA considera que os ABM são “socios naturales en la colaboración y cooperación, en el sentido que acostumbran a servir a la misma comunidad de maneras parecidas... apoyan y aumentan oportunidades de aprendizaje para toda la vida, conservan el patrimonio de la comunidad y protegen y proporcionan acceso a la información” (Yarrow; Clubb; Draper, 2009: 5-6).

Desde o início do século XXI que se identificam múltiplas iniciativas que patenteiam um crescente interesse na exploração de novas formas de colaboração e convergência entre ABM: reuniões e conferências, nacionais e internacionais; publicação de artigos científicos e bibliografia temática; grupos ou projetos de trabalho, entre outras (Gomes, 2016: 124). Ao nível internacional, destaca-se o papel da IFLA, do *International Council of Museums* (ICOM) e do *International Council of Archives* (ICA). Nos EUA, foram desenvolvidos vários projetos comuns entre estas três áreas, que integraram a *American Association of Museums* (AAM), a ALA e a *Society of American Archivists* (SAA). Também na União Europeia (Manžuch, 2009) têm sido desenvolvidos projetos que espelham a ligação entre ABM.

São vários os autores que trabalham no âmbito da colaboração entre ABM (Warren; Matthews, 2018; Duff; et al., 2013; Given; McTavish, 2010; Waibel, 2010; Kirchhoff; Schweibenz; Sieglerschmidt, 2009; Pastore, 2009; Dupont, 2007; Gibson; Morris; Cleeve, 2007), o que representa de *per se* uma vontade de criar laços entre os velhos e os novos arquétipos através da reflexão plasmada na considerável produção científica dos últimos anos.

Assim, o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido centra-se, sobretudo, na preservação e difusão do património cultural da humanidade (Carvalho Junior; Martins; Germani, 2019), sendo essencial a efetivação da gestão integrada da IF de ABM (Gomes, 2016: 270-280), bem como a cooperação institucional que permita o estabelecimento de projetos comuns e parcerias.

A conjuntura da SI, através do recurso à tecnologia digital, veio sem dúvida atenuar muitas das distinções entre os territórios individuais e organizacionais. Paradoxalmente, as “questões tecnológicas envolvendo [...] arquivos, bibliotecas e museus têm sido apontadas como um problema para a integração destes acervos” (Marcondes, 2016: 66).

Chegados ao século XXI, desloca-se o enfoque da conservação para a difusão de IF, pelo que os ABM necessitam, de modo muito premente, da convergência dos seus dados e da interoperabilidade com outros, em particular, entre os acervos/coleções digitais (Gomes, 2016: 278-280). Ora, a integração conceitual e tecnológica dos acervos digitais apresenta-se, ainda, como um desafio. No entanto, soluções de interoperabilidade entre sistemas distintos parecem estar a mudar este cenário, a partir do surgimento das tecnologias da *Web Semântica* e dos dados

abertos interligados. Mas, de acordo com os pressupostos inerentes à mudança conjuntural ocorrida na passagem da Sociedade Industrial para a SI, é, ou deverá ser possível criar pontes de contacto entre o paradigma custodial e pré-científico dominante, onde se privilegiava a conservação física dos suportes da IF, do *contenido*, e o novo paradigma pós-custodial e científico, onde o *conteúdo*, a IF, constitui a nova riqueza das nações, e, porquanto tem de ser considerada como um fator de sustentabilidade e desenvolvimento à escala global e não apenas localizada num número reduzido de cidadãos e de países, atuando mais uma vez como um *combustível* para a diferenciação e para a exclusão social.

3. DAS CIÊNCIAS DOCUMENTAIS À CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

O termo Documentação, s. f. do latim *documentationem, documentum (docere + mentem — «ensinar a mente» ou doctus + mentem — «mente treinada»*, utiliza-se para designar *o Acto ou efeito de documentar; conjunto de documentos; os elementos que comprovam qualquer coisa* (Machado, 1997: 498).

O surgimento da DA, enquanto disciplina, tem a sua génese no célebre Manual de Paul Otlet (1934), *El Tratado de Documentación: el libro sobre el libro: teoría y práctica*, o qual, apesar de continuar a reforçar um arquétipo de natureza pré-científica, permitiu acrescentar valor aos ABM, com os quais os CD, que surgem na primeira metade do século xx, têm muitos elementos em comum:

O CD representa uma mescla das entidades [...] [Arquivo, Biblioteca, Museu], sem se identificar com nenhuma delas. Reúne, por compra, doação ou permuta, documentos únicos ou múltiplos de origens diversas (sob a forma de originais ou cópias) e/ou referências sobre uma área específica da atividade humana. Esses documentos e referências podem ser tipificados como de arquivo, biblioteca e/ou museu. (Tessitore, 2003: 14)

A obra de Otlet considerava que a função primordial do CD era a de processar IF. No contexto desta publicação, é relançada a discussão iniciada nos EUA a partir dos anos 20 e 30 e até aos anos 60, sob a influência da Escola de Chicago, sobre a orientação e as prioridades da ALA, a qual tinha desenvolvido uma

abordagem teórica baseada nas Ciências Sociais, e que priorizava a Instituição B como um espaço social vocacionado para a memória cultural e para o serviço à comunidade. A inexistência de consensos no seio da ALA, aliada às prioridades de um grupo de especialistas norte-americanos preocupados com as Bibliotecas Especializadas e com o acesso ao conteúdo dos documentos, conduziu a uma cisão que esteve na origem do aparecimento da *Special Libraries Association* (SLA), em 1908. Convém realçar que as ideias da Escola de Chicago foram recuperadas mais tarde por Francis Miksa, em 1992, o qual considerava que só fazia sentido organizar o conhecimento se o objetivo fosse disponibilizá-lo à sociedade em geral.

Segundo López Yepes (1995), o termo *Documentación* tem um duplo sentido: no primeiro equivale a Ciências da Documentação e, num segundo, corresponde à disciplina que estuda uma parte do processo documental. Trata-se de um reconhecido contributo para a afirmação progressiva da DA em Espanha como campo disciplinar, e na linha de tradição das disciplinas que a antecederam, caracterizada por uma perspectiva patrimonialista que dominou a formação e a profissão.

De acordo com Silva, os termos DA e IF, “servem, genericamente, para designar uma área de estudo científico que, consoante a perspectiva epistemológica adoptada, tanto agrega várias disciplinas como uma só” (2013: 18). No âmbito desta perspectiva pode considerar-se que a designação *Information Science* tem as suas origens no conceito de DA e no legado teórico-prático dos belgas Henri La Fontaine (1854-1943) e Paul Otlet (1868-1944), que fundaram, em 1895, o *Instituto Internacional de Bibliografia*, o qual lançou as bases para a criação de uma Bibliografia Universal que permitisse a classificação do conhecimento produzido e a sua divulgação. Para cumprirem tal desiderato, escolheram o Sistema de Dewey como suporte para a sua classificação de base decimal. As suas ideias vieram a ser recuperadas, ainda que com uma nova roupagem, a partir dos anos 60 do século passado. Tal como afirma Buckland, a partir dos anos 60 “there was a strong desire for the provision of information services to become scientific, to move from librarianship, bibliography, and documentation to an information science” (2012: 1), preocupada com a recuperação da IF, o acesso e o uso das novas TIC. Assim, é neste contexto que surgem as bases para o nascimento da CI, cuja evolução foi feita, de acordo com Ribeiro,

“na linha directa” da Documentação... Foi um caminho, em grande medida, desbravado por praticantes de ofícios relacionados com a Informação, estimulado pelas respectivas associações profissionais e que, aos poucos, foi conquistando um espaço nos contextos educacionais e académicos. [...] Na verdade, por meados dos anos sessenta, a expressão estava definitivamente imposta nos EUA, onde foi florescendo até hoje mais do que em outros países, e não só abundavam já as propostas de definição, como surgiam, também, escritos em torno da fundamentação teórica desta nova área disciplinar. (2004)

Em jeito de sùmula, podemos inferir que há diversos autores como Briet, Fernández Molina, López Yepes, Shera e Cleveland, Silva e Ribeiro, e muitos outros, que fazem remontar a origem da CI ao desenvolvimento natural da disciplina da DA. Sendo assim, para além da sua origem norte-americana, atribui-se-lhe um carácter *super especializado*, centrado na Organização e Recuperação da IF.

Todavia, também não existe consenso neste domínio, sobretudo no que diz respeito a autores brasileiros. Assim, é natural que as diferentes perspetivas sobre a origem da CI possam influenciar a formação e o desenvolvimento da CI no Brasil e em outros países ibero-americanos.

Para Bellotto, os “Arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus têm co-responsabilidade no processo de recuperação da informação, em benefício da divulgação científica, tecnológica, cultural e social, bem como do testemunho jurídico e histórico” (1991). Também Ortega (2004: 1) encontra relações históricas entre BA, DA e CI desde o aparecimento da escrita “[...] das primeiras evidências de organização de documentos segundo seus conteúdos, apontando esses processos e as bibliotecas primitivas da antiguidade que os realizavam como a origem do que depois foi denominado Biblioteconomia” e este processo evolutivo, assente na técnica de organização, conservação e divulgação de documentos, correspondeu, tal como hoje, a necessidades sociais. Ora, e independentemente desta discussão de natureza epistemológica sobre as raízes da CI, conclui-se que pode haver IF sem haver documento mas o inverso não é possível evidenciar. Assim, de disciplinas auxiliares da História, a AA, enquanto *Ciência dos Arquivos*, e a BA, enquanto *Ciência das Bibliotecas*, emancipam-se e adquirem o estatuto de *Ciências*

Documentais, valorizando, a par da MA, enquanto *Ciência dos Museus*, os testemunhos da atividade humana, fixados em suportes perduráveis, que continham informação, tendo na sua raiz e na sua designação a associação direta às respetivas disciplinas profissionais e alegadas *ciências* (Silva, 2015: 104).

Apesar da dualidade de perspetivas *cumulativa ou fragmentária* destas várias disciplinas, assente na complexidade normativa da organização e representação da IF de cada SIN, consideramos que, do ponto de vista epistemológico, a perspetiva deve ser evolutiva, assumindo-se que a CI inter e transdisciplinar resultou da “dinâmica de integração do legado técnico e prático das disciplinas Arquivística, Bibliotecologia (Biblioteconomia/Documentação) e Museologia, legado esse essencial para o estudo sistemático, problematizador e científico do objecto informação” (Silva, 2015: 103), mas elas,

Não podem subsistir por muito mais tempo artificialmente autonomizadas e disfarçadas de «científicas», tendo, por isso, que ser (re)enquadradas epistemologicamente de um modo sério e consistente, que não passa já pela anacrónica, redutora e frágil “teoria” da documentação, mas antes pelo aprofundamento crítico do debate sobre a natureza e evolução da Ciência da Informação, assumida no singular e não num plural fragmentado e avulso (ciências) que, à letra, exclui deste campo científico uma matriz unitária e transdisciplinar. [...] Contudo, facilmente se torna inteligível que, sem uma base epistemológica e teórica consistente, a afirmação de identidade é um logro que conduzirá, forçosamente, os profissionais para um caminho sem retorno. O tecnicismo apurado dificilmente sobreviverá sem o suporte de um conhecimento adequado do fenómeno informacional que socialmente nos envolve. (Silva; Ribeiro, 2003: 2)

4. A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: DO ARQUÉTIPO TECNOLÓGICO NORTE-AMERICANO AO ARQUÉTIPO SOCIAL E HUMANO IBERO-AMERICANO

A ideia de uma matriz tecnológica da CI encontra o seu terreno fértil no contexto norte-americano, onde surgiu, em finais dos anos cinquenta do século

passado, a designação *Information Science*¹. Apesar de alguma discussão sobre a sua gênese, parece-nos que ela foi muito influenciada pela publicação das obras de Bush (1945), Wiener (1948), Shannon; Weaver (1949).

De acordo com alguns dos estudos desenvolvidos por Shera; Cleveland (1977), Brookes (1980), Debons (1986), Lilley; Trice (1989), Saracevic (1996), Rayward (1997) e Silva; Ribeiro (2002), sobre as origens da CI, ela tem como marcos referenciais: a *International Conference on Scientific Information*, realizada em Washington, em 1958; duas conferências realizadas no Instituto de Tecnologia da Geórgia, em Out. 1961-Abr. 1962; a criação, em 1966, da Arist, a *Annual Review of Information Science and Technology*; e a mudança do nome do *American Documentation Institute* (ADI) para *American Society for Information Science* (ASIS), em 1968.

No século XXI, são vários os autores como Dias (2000), Ortega (2004), Oliveira (2005), Souza; Almeida (2009), que defendem uma CI aplicada, virada para o modelo tecnológico norte-americano, de onde deve estar alheia qualquer variável de *natureza social* e onde deve vigorar a ideia de existência de um *núcleo duro* que seria formado pelas questões técnicas e que seria o centro do campo, sendo as questões políticas, sociais e culturais da IF temas da *periferia* e menos importantes (Pinheiro, 2000).

Todavia, a par desta orientação, começam a surgir desde 1970 algumas vozes críticas, e daí que a CI, por influência da UNESCO, comece a abrir a sua abordagem a outras visões e tendências.

Mas, desde então, têm ocorrido poucas mudanças de paradigma e o desenvolvimento do substrato teórico da CI tem sido apanágio, quase exclusivo, de uma das grandes associações mundiais, a *American Society for Information Science*, e de várias universidades do mundo anglosaxónico, nomeadamente através dos

¹ Pela mesma altura surge a *informatika* soviética. Na antiga URSS, é criado, em 1952, o VINITI – Vserossiisky Institut Nauchnoi i Tekhnicheskoi Informatsii (All-Union Institute for Scientific and Technical Information), agregado à Academia de Ciências da Rússia, com a missão de fornecer informação científica. A figura de Alexander Ivanovich Mikhailov foi fundamental para construir a Informatika como disciplina que estuda as propriedades da informação científica.

conteúdos formativos plasmados no movimento internacional das *Information Schools* ou *iSchools*.

Esta CI de raiz tecnológica preocupa-se com o “impacto de la computación en el proceso de producción, recolección, organización, interpretación, almacenamiento, recuperación, diseminación, transformación y uso de la información y en especial de la información científica fijada en documentos impresos” (Capurro, 2007: 17), e/ou digitais.

Ora, de acordo com a revisão da literatura realizada, consideramos que esta matriz tecnológica da CI, adequada ao contexto e às preocupações da sociedade que esteve na sua génese e que desde sempre, e também por motivos históricos, se preocupou com questões relacionadas com a investigação nas áreas científicas e técnicas e com a superespecialização do trabalho, tem de acompanhar os sinais dos tempos e abrir-se a um diálogo profícuo com outras visões e tendências que, através da compreensão do passado e da forte tradição herdada do mundo greco-latino, permitam fortalecer o desenvolvimento presente da CI.

A *Information Science* norte-americana parece-nos muito mais próxima da Informática e da Computação, da Técnica e da Tecnologia, do que da Produção, Organização e Difusão de IF pelo Ser Humano e de todas as relações sociais e culturais que lhe estão adstritas, desde a sua *génese milenar*. Essa CI parece-nos estar cada vez mais a aproximar-se e a valorizar a técnica, através da criação e desenvolvimento de SIT de Organização, Representação e Acesso à IF e cada vez menos atenta às necessidades reais de uma sociedade em constante mudança, cada vez mais inundada de IF e carente de conhecimento.

De acordo com o exposto, consideramos que o desenvolvimento e a afirmação da CI de dimensão universal implica uma determinação clara e inequívoca do seu objeto de estudo, ainda que partilhado com outras áreas científicas e, consequentemente, da sua linguagem e do seu método, que permitirão o seu enquadramento no campo científico, pois, e tal como afirma Silva (2005: 28) “se não soubermos o que é a informação a Ciência da Informação não passará nunca de um mero equívoco académico e de um artifício corporativo”.

Todavia, a riqueza, a diversidade e a complexidade desta matéria prima do conhecimento, entendida como um ativo intangível das organizações, conduz a uma ausência de consenso entre os autores dos diversos países e continentes.

Diversas são também as definições existentes na literatura em relação a este objeto multifacetado, “a qual é, para alguns, sinónimo de dados, e, porquanto, de natureza tangível, e, para outros, identificado com conhecimento e, concomitantemente, de natureza intangível” (Marques, 2017b: 62-64).

Assim, e apesar da opção pelo uso diferenciado dos termos/conceitos *Informação* e *Conhecimento* (Marques, 2017a; Gomes, 2016), considera-se que a definição de IF que melhor corresponde ao objeto da CI, de carácter inter e transdisciplinar e de matriz social e humana, é o “Conjunto estruturado de representações mentais e emocionais codificadas (signos e símbolos) e modeladas com/pela interação social, passíveis de serem registadas num qualquer suporte material e, portanto, comunicadas de forma assíncrona e multidireccionada” (Silva; Ribeiro, 2002: 37).

No âmbito desta definição, considera-se também que o objeto de estudo da CI é a IF enquanto fenómeno social e humano,

A CI é uma ciência social que investiga os problemas, temas e casos relacionados com o fenómeno info-comunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação, ou não, das propriedades inerentes à génese do fluxo, organização e comportamento informacional (origem, colecta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação). (Silva, 2008: 19)

Ora, o imperativo categórico que se impõe à CI no século XXI, é o de deslocar o foco dos meios de acesso, organização e representação da IF, para os efeitos que essa IF possa ter no ser humano, o qual é designado por Toffler e Toffler (2006) como Prosumidor.

A abordagem sistémica e a visão holística da informação (Gomes; Fernández Marcial, 2019; Fernández Marcial; Gomes; Marques, 2015) permite olhar para o Cientista da IF como um mediador entre a IF e as pessoas que a produzem e/ou consomem, ou como um mediador entre o acesso à informação e a produção de conhecimento.

Considera-se que ao deslocar-se o enfoque do objeto de estudo, do documento e/ou da IF, entendida como o *sangue da CI* (Le Coadic, 1996), para o Ser

Humano que a produz e consome, estamos a contribuir para a afirmação de uma CISH e, em simultâneo, a estabelecer pontes de diálogo epistemológico com o mundo ibero-americano, herdeiro das teorias e das práticas das designadas Ciências Documentais.

No âmbito da análise diacrónica efetuada sobre os arquétipos da CI, resulta a necessidade de privilegiar o *conteúdo*, em detrimento do *contenido* e, ao mesmo tempo, de colocar o acento tónico no ser humano que, voluntária ou involuntariamente, *regista* as suas atividades e produz conhecimento para dar significado à sua existência individual e coletiva (Capurro, 1992). Tal como acentua Pierre Bordieu, não nos podemos esquecer que é preciso pensar, contudo, que um campo científico é constituído por pessoas, dotadas de interesses, posicionamentos e recursos desiguais para ocupar os espaços legitimados de autoridade (1983).

Esta *nova* orientação da CI, remonta ao início da década de 90 do século passado, e tem a sua génese na *International Conference on Conceptions of Library and Information Science*, que teve lugar em Tampere, Finlândia, em 1991. Daí em diante, começa a ganhar força um *paradigma social* de estudo da informação, assente na componente humana dos SIN de ABM e CD e destacando a ideia de intersubjetividade. A vasta produção científica nesta linha de orientação da CI, Capurro (1992, 2003), Hjørland; Albrechtsen (1995), Cornelius (1996), Silva; Ribeiro (1999), Rendón Rojas (2005; 2008), Cronin (2008), Frohmann (2008), entre outros, permite alterar o carácter estático do documento e acentuar o dinamismo da IF mas, e sobretudo, pretende atribuir o papel principal aos sujeitos que interagem com a IF, para a “inserção dos fenómenos e processos informacionais nos contextos sócio-históricos concretos e no carácter reciprocamente referenciado da construção da informação e de suas representações e processamentos técnicos” (Araújo, 2013: 22).

Em jeito de súmula, pode inferir-se que esta visão do objeto de estudo da CI permite, por um lado, afirmar a sua natureza transdisciplinar e, ao mesmo tempo, desfazer equívocos em relação a disciplinas como a AA, BA, MA e a DA e, mais recentemente em relação à *Library and Information Science*. Por outro lado, esta visão permite desconstruir arquétipos subjacentes à *Information Science* e à possibilidade da sua associação direta e/ou indireta às Ciências da Computação ou Informática.

NOTAS FINAIS

A CISH inter e transdisciplinar integra um legado técnico e prático dos arquétipos das tradicionais disciplinas ligadas à guarda, conservação, organização e representação, uso e difusão dos documentos, o qual serviu como modelo para o estudo científico do objeto IF (fenómeno/processo social e humano, e não apenas o seu suporte), implicado no processo de gestão de qualquer entidade.

Todavia, isso não significa que a CI do século XXI seja muito diferente da sua génese e tenha *absorvido* as diversas áreas disciplinares, AA, BA, DA e MA. A perspectiva diacrónica permite compreender os respetivos SIN, identificar as suas especificidades e os seus pontos de convergência, os quais estão na origem da intensa e profícua colaboração entre ABM, que se tem vindo a sedimentar progressivamente nos últimos anos.

No entanto, reconhece-se que persiste o arquétipo da tradicional compartimentação documentalista da IF pelo espaço institucional e tecnológico onde ela se conserva: SIN de ABM e STI, entre outros.

Ora, chegados ao final da segunda década do século XXI, considera-se cada vez mais pertinente a interrogação de Michael Buckland (2012), *What Kind of Science Can Information Science Be?* A ciência das *hard skills*, do paradigma tecnológico da IF Científica e Técnica vigente sobretudo no mundo anglo-saxónico, nomeadamente nos EUA, Canadá e Inglaterra, ou a *ciência* das *soft skills*, do paradigma social e humano do mundo ibero-americano, nomeadamente da América do Sul e da América Latina: Brasil, Uruguai, Paraguai, México, Perú, Cuba, Venezuela, Colômbia, ou de alguns países da Europa como Espanha, França, Itália...? E qual é a orientação científica em Portugal?

Tal como já referimos, considera-se que a dimensão social e humana da CI é “de sobremaneira, e do ponto de vista da criação, desconstrução e reconstrução do Conhecimento [...] muito mais valiosa do que a tecnológica, embora uma parte significativa dela esteja orientada para o uso da tecnologia” (Marques, 2017b: 72).

Assim, e pese embora os esforços empreendidos no sentido da clarificação do objeto, do método e da linguagem da CI, parece-nos haver pouco consenso, nomeadamente devido à dificuldade expressa pela SI em clarificar os conceitos de *conteúdo* e *conteúdo*. Ou seja, considera-se que a dinâmica transdisciplinar plena (onde se inserem a AA, BA, DA e, quiçá, a MA, enquanto disciplinas) da CISH

implica um profundo e complexo diálogo epistemológico sobre os conceitos de Documento, IF e Conhecimento.

Subjacente a este diálogo está a necessidade primária de estabelecer consensos sobre o objeto de estudo da CI e, sobretudo, de clarificar a necessidade da sua visão universal, contemplando as realidades assimétricas dos diferentes países e SIN no domínio do cumprimento dos objetivos de desenvolvimento sustentável preconizados pela UNESCO.

A nossa visão desta área científica implica compreender o passado para construir o futuro e dessa forma alargar o espetro da análise ao homem, objeto de estudo das Ciências Sociais e Humanas, enquanto produtor e consumidor de IF, analógica e/ou digital, que desde as sociedades pré-clássicas, regista, ou não, as suas ações/atividades, para servir de testemunho e/ou IF para os indivíduos particulares e para a sociedade em geral.

Assim, reafirmamos a ideia de que não pode existir um documento se não existir IF, mas também não pode existir IF se não existir um ser humano capaz e interessado em produzi-la e consumi-la.

BIBLIOGRAFIA

- Araújo, Carlos Alberto Avila (2013). Manifestações (e ausências) de pensamento crítico na ciência da informação. *Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, 27 (2), 9-29.
- Bellotto, Heloísa (1991). *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T. A. Queiroz.
- Bordieu, Pierre (1983). O campo científico. In *Sociologia*. São Paulo: Ática.
- Borko, Harold (1968). Information science — what is it?. *American Documentation*, 19 (1), 3-5.
- Briet, Suzane (1951). *Qu'est ce que la documentation?*. Paris: Éditions Documentaires Industrielles et Techniques.
- Brookes, Bertram (1980). The foundations of information science. *Journal of Information Science*, 2, 125-133.
- Buckland, Michael (2012). What kind of science can Information Science be?. *Journal of Information Science and Technology*, 63 (1), 1-7.
- Buonocore, Domingo (1952). *Elementos de bibliotecología*. Santa Fé: Librería y Editorial Castellví.
- Bush, Vannevar (1945) As we may think. *Atlantic Monthly*, 176, 101-108.

- Capurro, Rafael (1992). What is information science for? A philosophical reflection. In P. Vakkari; B. Cronin (Eds.), *Conceptions of library and information science. Historical, empirical and theoretical perspectives* (82-98). London: Taylor Graham.
- (2003). Epistemologia e ciência da informação. In *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 5, Belo Horizonte. Anais ENANCIB, 1-21. Consultado a 28-07-2019, http://www.capurro.de/enancib_p.htm
- Cornelius, Ian (1996). *Meaning and method in information studies*. New Jersey: Ablex.
- Cronin, Blaise (2008). The sociological information science. *Journal of Information Science*, 34 (4), 465-475.
- Debons, Anthony (1986). Information science. In *ALA world encyclopedia of library and information services*. 2 ed. Chicago, 365-368.
- Duff, Wendy; et al. (2013). From coexistence to convergence: studying partnerships and collaboration among libraries, archives and museums. *Information Research*, 18 (3). Consultado a 24-07-2019, <http://www.informationr.net/ir/18-3/paper585.html>
- Dupont, Christian (2007). Libraries, archives, and museums in the twenty-first century: Intersecting missions, converging futures?. *RBM: A Journal of Rare Books, Manuscripts, and Cultural Heritage*, 8 (1), 13-19. Consultado a 24-07-2019, <http://rbm.acrl.org/content/8/1/13.full.pdf>
- Fernández Marcial, Viviane; Gomes, Liliana Esteves; Marques, Maria Beatriz Moscoso (2015). Perspetiva teórica e metodológica em sistemas de informação complexos. *Páginas a&b Arquivos e Bibliotecas*, 4, 3-21. Consultado a 08-10-2019, <http://ojs.lettras.up.pt/index.php/paginasab/article/view/995>
- Fernández Molina, Juan Carlos (1993). De la documentación a la information science: antecedentes, nacimiento y consolidación de la “Ciencia de la Información” en el mundo anglosajón. *Boletín de la Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, 9 (33), 41-61.
- Gibson, Hannah; Morris, Anne; Cleeve, Marigold (2007). Links between libraries and museums: investigating museum-library collaboration in England and the USA. *Libri*, 57 (2), 53-64.
- Given, Lisa; Mctavish, Lianne (2010). What’s old is new again: the reconvergence of libraries, archives, and museums in the digital age. *The Library Quarterly*, 80 (1), 7-32.
- Gomes, Liliana Esteves (2016). *Gestão da informação, holística e sistémica, no campo da ciência da informação: estudo de aplicação para a construção do conhecimento na Universidade de Coimbra*. Tese de doutoramento, Universidade da Corunha. Consultado a 12-06-2019, <http://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/18287>

- _____.; Fernández Marcial, Viviane (2019). Sistema de Informação: abordagem conceitual e metodológica. *Bibliotecas. Anales de Investigación*, 15 (3), 395-404. Consultado a 11-09-2019, <http://revistas.bnjm.cu/index.php/anales/article/view/4544>
- Gómez Martínez, Javier (2006). *Dos museologías: las tradiciones anglosajona y mediterránea. Diferencias y contactos*. Gijón: TREA.
- Grande dicionário da língua portuguesa* (1997). Coord. José Pedro Machado, 1, Lisboa: Círculo de Leitores.
- Hedstrom, Margaret; King, John (2004). *On the LAM: Library, archive, and museum collections in the creation and maintenance of knowledge communities*. Consultado a 18-09-2019, <http://www.oecd.org/edu/innovation-education/32126054.pdf>
- Hernández Hernández, Francisca (1998). *Manual de museología*. Madrid: Síntesis.
- _____. (2006). *Planeamientos teóricos de la museología*. Gijón: Trea.
- Hjorland, Birger; Albrechtsen, Hanne (1995). Toward a new horizon in information science: domain analysis. *Journal of the American Society for Information Science*, 46 (6), 400-425.
- Kirchhoff, Thomas; Schweibenz, Werner; Sieglerschmidt, Jorn (2009). Archives, libraries, museums and the spell of ubiquitous knowledge. *Archival Science*, 8 (4), 251-266.
- Le Coadic, Yves François (1996). *A ciência da informação*. Brasília: Briquet de Lemos.
- _____. (1997). Science de l'information. In S. Cacaly; et al. *Dictionnaire encyclopedique de l'information et de la documentation*. Paris: Nathan, 517.
- Lilley, Dorothy; Trice, Ronald (1989). *A history of information science: 1945-1985*. San Diego: Academic Press.
- López de Prado, Rosario (2003). Bibliotecas de museos en España: características específicas y análisis DAFO. *Revista General de Información y Documentación*, 13 (1), 5-35. Consultado a 12-06-2019, <http://revistas.ucm.es/index.php/RGID/article/view/RGID0303120005A>
- López Yepes, José (1995). *La documentación como disciplina: teoría e historia*. 2. ed. Pamplona: Universidad de Navarra.
- Marcondes, Carlos Henrique (2016). Interoperabilidade entre acervos digitais de arquivos, bibliotecas e museus: potencialidades das tecnologias de dados abertos interligados. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 21 (2), 61-83. Consultado a 12-09-2019, <https://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/2735>
- Marques, Maria Beatriz Moscoso (2012). *A satisfação do cliente de serviços de informação: as bibliotecas públicas da Região Centro*. Tese de Doutoramento, FLUC. Consultado a 10-09-2019, <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/20462?mode=full>

- _____. (2017a). Informação, comunicação e conhecimento: os desafios da sociedade do século XXI. In Carlos Camponez; et al. (Eds.), *IX Congresso SOPCOM: Comunicação e Transformações Sociais* (1, 48-62). Coimbra: SOPCOM.
- _____. (2017b). Gestão da informação em sistemas de informação complexos. *Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia*, 12 (2). Consultado a 08-06-2019, <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pbcib/article/view/35505/18544>
- Miksa, Francis (1992). Library and information science: two paradigms. In Pertti Vakkari; Blaise Conin (Eds.), *Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives* (229-251). London: Taylor Graham.
- Naudé, Gabriel (1627). *Advis pour dresser une bibliothèque*. Présenté à Monseigneur le Président de Mesmes. Paris: Chez François Targa. Consultado a 12-09-2019, http://elg0002.free.fr/pdf/naude_advis_pour_une_bibliotheque.pdf
- Neickel, Gaspar Friedrich (1727). *Museographia, oder Anleitung zum rechten Begriff und nützlicher Anlegung der Museorum oder Karitäten-Kammern*. Leipzig: Michael Hubert.
- Ortega, Cristina Dotta (2004). Relações históricas entre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. *DataGramaZero. Revista de Ciência da Informação*, 5 (5). Consultado a 25-06-2019, <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/7649>.
- Ortega y Gasset, José (2006). *Missão do bibliotecário*. Trad., posfácio António Agenor Briquet de Lemos. Brasília, DF: Briquet de Lemos.
- Otlet, Paul (1934). *Traité de documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique*. Bruxelles: Munda-neum-Palais Mondial.
- Pastore, Erica (2009). *The future of museums and libraries: a discussion guide*. Washington, DC: Ins-titute of Museum and Library Services. Consultado a 25-06-2019, <http://www.ims.gov/assets/1/AssetManager/DiscussionGuide.pdf>
- Pinheiro, Lena Vania Ribeiro (2000). Infra-estrutura para pesquisa em ciência da informação. *Data-gramaZero: Revista de Ciência da Informação*, 1 (6), 1-25.
- Ranganathan, Shiyali Ramamrita (1931). *The five laws of library science*. Madras: The Madras Library Association.
- Rayward, Boyd (1991). *The case of Paul Otlet, pioneer of information science, internationalist, visionary: reflections on biography*. Consultado a 27-06-2019, http://people.ischool.illinois.edu/~wray-ward/otlet/PAUL_OTLET_REFLECTIONS_ON_BIOG.HTM

- _____. (1997). The origins of information science and the International Institute of Bibliography / International Federation for Information and Documentation (FID). *Journal of the American Society for Information Science*, 48 (4), 289-300.
- Rendón Rojas, Miguel Ángel (2005). *Bases teóricas y filosóficas de la Bibliotecología*. 2. ed. México DF: UNAM, Centro Universitario de Investigaciones Bibliotecológicas.
- _____. (2008). La ciencia de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas. *Data-GramaZero. Revista de Ciência da Informação*, 9 (4). Consultado a 27-07-2019, http://www.dgz.org.br/ago08/Art_06.htm
- Ribeiro, Fernanda (2004). Informação: um campo uno, profissões diversas?. In *Nas encruzilhadas da informação e da cultura: (re)inventar a profissão. Congresso Nacional Bibliotecarios, Arquivistas e Documentalistas. 8. Atas*. Consultado a 18-07-2019, <https://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/674/672>.
- Saracevic, Théodore (1996). Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 1 (1), 41-62.
- Schellenberg, Théodore (1956). *Modern archives: principles and techniques*. Chicago: University of Chicago Press.
- Shannon, Claude; Weaver, Warren (1962). *The mathematical theory of communication*. Urbana: University of Illinois [1. ed. 1949].
- Shera, Jesse; Cleveland, Donald (1977). History and foundations of Information Science. *Annual Review of Information Science and Technology*, 12, 249-275.
- Silva, Armando Malheiro da (2002). Arquivística, biblioteconomia e museologia: do empirismo patrimonialista ao paradigma emergente da ciência da informação. In *1.º Congresso Internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus* (573-607). São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.
- _____. (2005). Documento e informação: as questões ontológica e epistemológica. *Arquivo & Administração*, 4 (2), 327-355.
- _____. (2008). Inclusão digital e literacia informacional em ciência da informação. *PRISMA.COM*, 7, 16-43.
- _____. (2015). Arquivo, biblioteca, museu, sistema de informação: em busca da clarificação possível. *Cadernos BAD*, 1, 103-124. Consultado a 18-07-2019, <http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/1482>
- _____.; Ribeiro, Fernanda (2002). *Das «ciências» documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Afrontamento.

- _____; Ribeiro, Fernanda (2003). Um modelo sintético de licenciatura para uma ciência da informação consolidada: o caso português. In *Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, Belo Horizonte. Anais ENANCIB, 1-18. Consultado a 28-07-2019, <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/venancib/paper/viewFile/2085/1220>.
- _____; et al. (1999). *Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação*. Porto: Afrontamento.
- Smit, Johanna Wilhelmina (2003). Arquivologia/Biblioteconomia: interfaces das ciências da informação. *Informação & Informação*, 8 (1), 1-13. Consultado a 24-07-2019, <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1713>
- Tessitore, Viviane (2003). *Como implantar centros de documentação*. São Paulo: Arquivo de Estado, Imprensa Oficial do Estado.
- Toffler, Alvin; Toffler, Heidi (2006). *La revolución de la riqueza*. Barcelona: Debate.
- UNESCO (1972). ICOM: Mesa-Redonda de Santiago do Chile. *Revista Museu*. Consultado a 24-07-2019, <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/legislacao/museologia/3-1972-icom-mesa-redonda-de-santiago-do-chile.html>
- Waibel, Gunter (2010). *Collaboration contexts: framing local, group and global solutions*. Ohio: OCLC Research.
- Warren, Emily; Matthews, Graham (2018). Public libraries, museums and physical convergence: Context, issues, opportunities: a literature review Part 1, *Journal of Librarianship and Information Science*, 51 (4), 1120-1133.
- Wiener, Robert (1948). *Cybernetics: or control and communication in the animal and the machine*. Paris: Hermann & Cie.
- Yarrow, Alexandra; Clubb, Barbara; Draper, Jennifer-Lynn (2009). *Bibliotecas públicas, archivos y museos: tendencias de colaboración y cooperación*. La Haya: Oficina central de la IFLA.